

AS COMUNIDADES AGROPASTORIS NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

2.^a metade do IV aos inícios do II milénio AC

António Carlos Valera

MEMÓRIAS d'ODIANA 2.^a Série
Estudos Arqueológicos do Alqueva

ÍNDICE

15	INTRODUÇÃO
17	1. O bloco 5 do plano de minimização
17	1.1. Enquadramento da acção de minimização
19	1.2. A base documental
20	1.3. Breve resumo do estado dos conhecimentos à partida
21	1.4. Equipa
23	ESPAÇO FÍSICO E IMPACTES DO REGOLFO
25	2. Caracterização geográfica genérica
32	2.1. Inventário dos sítios atribuíveis à Pré-História Recente na área de estudo
33	OS CONTEXTOS INTERVENCIÓNADOS: CARACTERIZAÇÃO, FASEAMENTO E CRONOLOGIA (<i>António Valera</i>)
35	3. Moinho de Valadares 1
35	3.1. Localização e caracterização geomorfológica
37	3.2. Áreas intervencionadas: sequências estratigráficas, faseamentos e cronologias
53	4. O Mercador
53	4.1. Localização e caracterização geomorfológica
55	4.2. Levantamento topográfico e prospecções geofísicas
56	4.3. Áreas intervencionadas e organização faseada das sequências estratigráficas
86	5. O Monte do Tosco 1
86	5.1. Localização e caracterização geomorfológica
87	5.2. Áreas intervencionadas: sequências estratigráficas, faseamentos e cronologias
107	6. Os Cerros Verdes 3
107	6.1. Localização e caracterização geomorfológica
108	6.2. Áreas intervencionadas: sequências estratigráficas, faseamentos e cronologias
110	7. A Nova Aldeia da Luz
110	7.1. Localização e caracterização geomorfológica
112	7.2. Áreas intervencionadas: sequências estratigráficas, faseamentos e cronologias
123	7.2.1. O faseamento e as cronologias possíveis

127 OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS: ESTUDOS TEMÁTICOS

Nota prévia a uma compartimentação do estudo de materiais

129 8. Os Materiais Cerâmicos

129 8.1. Caracterização morfológica, estilística decorativa e comportamento diacrónico dos artefactos cerâmicos (recipientes, colheres, queijeiras, vasos suporte e discos)

130 8.1.1. O equipamento cerâmico do povoado do Moinho de Valadares 1

142 8.1.2. O equipamento cerâmico do povoado do Mercador

156 8.1.3. O equipamento cerâmico do Monte do Tosco 1

175 8.1.4. O equipamento cerâmico de Julioa 4 / Luz 20

179 8.1.5. O equipamento cerâmico dos Cerros Verdes 3

Tabela de Formas

179 8.1.6. Nota à evolução morfológica dos recipientes ao longo do 3º milénio AC no norte da margem esquerda portuguesa

189 8.2. Tecnologias de produção cerâmica e exploração de matérias primas nos povoados do Moinho de Valadares e Monte do Tosco 1

202 8.3. Étude céramologique d'un ensemble de neuf vases campaniformes provenant du site de Monte do Tosco (Portugal)

211 9. Tecelagem e Pesca: os pesos

211 9.1. Os elementos de tear

222 9.2. Os pesos de rede

229 10. A Pedra Talhada

229 10.1. Introdução

230 10.2. Metodologia

232 10.3. Moinho de Valadares 1

245 10.4. Mercador

250 10.5. Monte do Tosco

258 10.6. Conclusões Gerais

270 11. A Pedra Polida

277 12. A Moagem

283 13. Metais e Metalurgia

291 13.1. Metalurgia, metais e as comunidades do 3º milénio AC da margem esquerda do Guadiana

302 14. Evidências do sagrado e outros artefactos de excepção

302 14.1. As evidências do sagrado

313 14.2. Objectos de adorno

316 14.3. Artefactos em osso

316 14.4. Discos de xisto

319 DADOS PALEOECONÓMICOS: FAUNAS E SEMENTES

- 319 15. Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado calcolítico do Mercador (Mourão)
- 321 15.1. Introdução
- 321 15.2. Métodos
- 324 15.3. Recolha e estado de conservação
- 325 15.4. Espécies presentes
- 348 15.5. O contributo do estudo arqueozoológico do povoado do Mercador (Mourão) para o conhecimento da exploração dos recursos faunísticos no Calcolítico do Sudoeste Peninsular
- 350 Caixa 15-1 Chalcolithic animal bones from Mercador, Alentejo: some biometrical considerations
- 353 16. Moinho de Valadares, Mourão. Estudo da fauna mamalógica das sondagens 1, 2 e 3 (Campanha de 1999)
- 353 16.1. Introdução
- 353 16.2. Análise arqueozoológica do material faunístico por sondagem e unidade estratigráfica
- 358 16.3. Discussão e resultado
- 361 Caixa 16-1 Monte do Tosco 1. Faunas recolhidas na campanha de 2000: análise preliminar
- 365 17. Faunas malacológicas do povoado do Mercador
- 365 17.1. Introdução
- 365 17.2 Metodologia
- 365 17.3. A fauna malacológica – identificação e caracterização
- 368 17.4. As espécies identificadas e o povoado do Mercador
- 377 18 .Dados sobre elementos vegetais no povoado do Moinho de Valadares 1
- 377 18.1. Identificação de um conjunto de carvões vegetais proveniente do sítio do Moinho de Valadares, Mourão
- 378 18.2. Impressões vegetais num fragmento cerâmico do sítio arqueológico do Moinho de Valadares (Mourão)

381 DADOS ANTROPOLÓGICOS

- 383 19. Povoado calcolítico do Mercador – Relatório bioantropológico
- 383 19.1. A análise dos ossos
- 385 19.2. A dentição
- 386 19.3. Conclusão

387	20. Povoado do Moinho de Valadares 1 – Relatório bioantropológico
387	20.1. Descrição dos restos humanos
389	A DINÂMICA SOCIAL
391	21. Faseamento e cronologia dos contextos em análise
396	22. Organização social e estratégias de povoamento
396	22.1. Implantações, arquitecturas, organização espacial intra povoado e dinâmicas de ocupação
397	22.1.1. As intencionalidades de implantação
400	22.1.2. Principais construções arquitectónicas
412	22.1.3. Espacialidades intra povoado e dinâmicas internas de ocupação
427	22.1.4. A organização económica e níveis de interacção
434	22.2. Que modelo para o povoamento do 3º milénio AC na margem esquerda?
434	22.2.1. Hierarquização ou autarcia: a problemática dos fenómenos de agregação
445	22.2.2. Seria o Guadiana uma fronteira ?
454	22.3. Calolítico Final e transição para a Idade do Bronze: a questão campaniforme
455	22.3.1. O problema das cerâmicas campaniformes
465	22.4. O problema funerário e a reutilização de contextos residenciais abandonados
473	BIBLIOGRAFIA
503	<i>ANEXOS</i>
505	Anexo I – A rocha gravada de Agualta 7
539	Anexo II

9. TECELAGEM E PESCA: OS PESOS

Sérgio Gomes

9.1. Os elementos de tear

Neste ponto procede-se à abordagem de um conjunto artefactual relacionado com a actividade têxtil. Assim, a questão que se coloca ao objecto de estudo passa pela sua interpretação enquanto índice de uma determinada tarefa, sendo que a sua descrição e classificação foi operacionalizada no sentido de tentar responder a essa questão, ou seja, cada artefacto foi entendido como a objectivação material de uma série de estratégias adoptadas pelas sociedades em estudo na transformação dos recursos disponíveis em produtos têxteis.

Todavia, refira-se que a tecnicidade de um dado artefacto decorre obviamente do contexto em que se procede à sua utilização, sendo que as questões de eficácia dependem de um leque de solicitações decorrentes da relação entre artefacto e contexto. Embora estes aspectos não sejam desenvolvidos neste estudo, a sua consideração é pertinente na medida em que suporta a ideia que a “imagem” que se produz de qualquer artefacto ou realidade arqueológica decorre do ponto de vista adoptado.

Os artefactos em estudo são entendidos enquanto “utensílios” de uma cadeia operatória muito ampla, admitindo-se que os seus aspectos morfológicos podem ser equacionados enquanto índices de distintas tarefas e técnicas. Assim, numa primeira análise, é de referir a existência

de duas categorias de artefactos que remetem para tarefas distintas:

- “cossoiros” - artefactos de argila de morfologia globular com uma perfuração central associados à fiação;
- “elementos de tear” – nesta categoria são consideradas placas e paralelepípedicos de argila de dimensões, morfologia e número/disposição de perfurações variáveis e crescentes de argila com uma perfuração em cada extremidade de morfologia e dimensões variáveis associados à tecelagem.

No caso dos “cossoiros”, a tarefa “fiação” encontrar-se-ia associada a uma técnica de produção de fio através de um fuso, sendo que a função destes artefactos seria a de equilibrar o fuso e imprimir velocidade ao movimento de rotação do instrumento através do qual se enrolam as fibras e se produz o fio. Todavia, os artefactos considerados “elementos de tear” apresentam morfologias muito distintas que poderão ser interpretadas enquanto índices da existência de diferentes técnicas de tecer. Desta forma, procede-se inicialmente à caracterização da amostra em função dos seus aspectos morfológicos para posteriormente problematizar a sua associação a técnicas de tecer.

A análise incidiu sobre os conjuntos do Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3².

² Os materiais de Julioa 4 / Luz 20 não foram aqui integrados uma vez que este trabalho já estava concluído aquando da intervenção naquele sítio, a qual, como já se referiu, foi posterior às intervenções realizadas no âmbito do Bloco 5.

9.1.1. Caracterização morfológica

A caracterização morfológica dos artefactos foi dificultada pelo facto de se tratar quase sempre de fragmentos sem remontagem. Esta situação condicionou decisivamente a consideração e hierarquização dos itens descritivos para a criação de um Tipo morfológico, nomeadamente no que diz respeito ao peso e aos índices de alongamento, espessura e altura. Assim, optou-se por sistematizar a amostra nas seguintes categorias morfológicas: crescentes de secção circular (CSC – 60 registos), crescentes achatados (CA – 82 registos) e placas (PI – 84 registos). No âmbito destas categorias procedeu-se à criação de grupos em função de variáveis que pudessem ser analisadas em todos os elementos.

Todavia, é de referir a existência de dois elementos que se destacam das anteriores categorias morfológicas pelo seu carácter “robusto” (Quadro 9-1). Com efeito, apesar de apresentarem contornos semelhantes aos das outras categorias, optou-se pela sua individualização por apresentarem uma espessura maior relativamente aos outros elementos.

Esta opção prende-se com o objectivo de tentar organizar a amostra no sentido da criação de grupos de artefactos morfológicamente semelhantes para, posteriormente, serem problematizados em função das técnicas de tecelagem convencionalmente atribuídas às sociedades em estudo.

9.1.1.1. Crescentes de secção circular

No âmbito desta categoria morfológica apenas foi possível registar a espessura dos artefactos, tendo-se identificado um intervalo de 9 a 25 mm (Gráfico 9-1). Assim, no sentido de

criar grupos que representassem a variabilidade da espessura no âmbito desta categoria morfológica, optou-se por considerar dois grupos: o Grupo A diz respeito a elementos que apresentam uma espessura igual ou inferior a 15 mm e o Grupo B superior a 15 mm.

Assim, considerando-se esta divisão constatou-se que nos crescentes de secção circular é mais frequente uma espessura superior a 15 mm (39 elementos), sendo que espessuras inferiores a este valor foram registadas apenas em 21 elementos.

9.1.1.2 Crescentes Achatados

Nesta categoria de contorno optou-se por considerar variabilidade da largura e da espessura no sentido de sistematizar a amostra. Deste modo, optou-se por dividir, numa primeira etapa, os elementos em função da sua largura e depois, dentro destes grupos, foram considerados dois grupos de espessuras. Passa-se, deste modo, à caracterização de cada um dos grupos, procedendo-se à identificação dos grupos através de um conjunto de duas letras, no qual a primeira corresponde à largura e a segunda à espessura:

– CA-AA: crescente achatado de secção sub-retangular ou sub-elíptica achatada com uma largura compreendida entre 10 e 15 mm e espessura entre 7 e 9 mm;

– CA-AB: crescente achatado de secção sub-retangular ou sub-elíptica achatada com uma largura entre 10 e 15 mm e espessura entre 10 e 12 mm;

– CA-BA: crescente achatado de secção sub-retangular ou sub-elíptica achatada com uma largura compreendida entre 16 e 28 mm e espessura entre 7 e 12 mm;

– CA-BB: crescente achatado de secção sub-retangular ou sub-elíptica com uma lar-

gura entre 16 e 28 mm e espessura entre 13 e 18 mm;

Da análise da distribuição dos fragmentos pela classificação efectuada refira-se que:

- os exemplares com uma largura superior a 15 mm (grupo de largura B) são mais frequentes (79%);

- os grupos de espessuras considerados dentro de cada grupo de largura têm uma expressão numérica idêntica;

- o intervalo dos valores das espessuras do grupo de largura A corresponde ao intervalo definido para o CA – BA tornando-se, deste modo, o intervalo de espessuras mais frequente (62%).

9.1.1.3. Placas

No âmbito das placas optou-se por criar grupos que considerassem na sua formulação as variáveis espessura, largura e n.º/disposição das perfurações. Assim, procedeu-se inicialmente à criação de intervalos de espessuras que, posteriormente, foram divididos em intervalos de largura e, dentro destes, consideradas as perfurações. Da correlação entre estas três variáveis resulta um grupo que é identificado por três letras em que a primeira corresponde ao intervalo de espessura, a segunda à largura e a terceira às perfurações.

A organização da amostra em função dos intervalos anteriormente apresentados permitiu constatar algumas linhas de força relativamente à sua composição:

- o predomínio do grupo PL – BAB;
- o grupo de espessura/largura BA é o mais frequente;
- a elevada frequência do intervalo de espessuras B;
- a reduzida expressão do intervalo de espessuras C;
- a homogeneidade das larguras dos elementos do grupo de espessuras A;
- no grupo de espessura B, o grupo de largura A apresenta uma frequência mais elevada que o grupo B;
- no grupo de espessura C, os intervalos de largura têm uma frequência idêntica;
- o grupo B de perfurações é mais frequente, estando presente em todos os grupos à excepção do CC (o mais largo e espesso);
- a diferença entre o grupo de perfurações B e C diminui nos tipos mais largos;
- o índice de ocorrência do tipo de perfurações C é maior no tipo de largura C.

Apesar destas particularidades é de reforçar que as variáveis e os intervalos considerados apresentam um grande leque combinações e conseqüentemente um elevado número de grupos que, em última análise são uma forma de representar o conjunto artefactual em estudo. Todavia, convém questionar acerca da representatividade desses grupos relativamente às técnicas de tecelagem, isto é, de que forma podem ser interpretados esses grupos ou séries de artefactos enquanto indicadores técnicos, ou seja, qual a relevância técnica das diferenças morfológicas identificadas.

Achado	L	C	E	P	Morfologia	Secções	Perf.
Mercador - 664	48 mm	100 mm	35 mm	225 g	Paralelepípedo	Sub-elíptica	1
Mercador - 685	36 mm	-	30 mm	-	Crescente	Sub-rectangular	1+?

Quadro 9-1

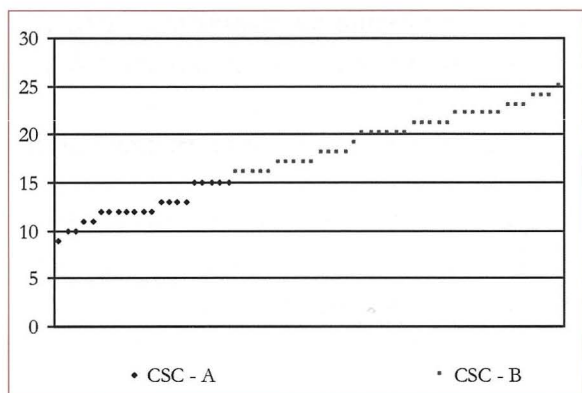


Gráfico 9-1

9.1.2. Distribuição dos artefactos pelas estações em estudo

Moinho de Valadares trata-se da estação com o maior número de registos de elementos de tear, sendo de destacar que a amostra é constituída fundamentalmente por placas e crescentes achatados. No âmbito destas duas categorias morfológicas destaca-se a maior frequência do intervalo de largura B dos crescentes achatados e do grupo BAB das placas.

A sua presença nas diferentes áreas faz-se notar fundamentalmente nos Sectores 1 e 2, sendo esporádica a sua ocorrência no Sec-

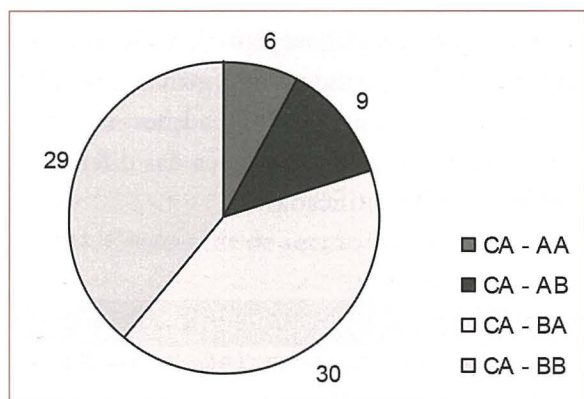


Gráfico 9-2

tor 3. Na distribuição das categorias pelas Fases de Ocupação é de realçar a simultaneidade de utilização dos crescentes achatados e das placas.

No Mercado a situação é substancialmente diferente da do Moinho de Valadares, tanto ao nível da composição da amostra como na distribuição dos artefactos. Apesar de se registar igualmente a presença de placas, denota-se uma maior frequência de exemplares mais largos e com perfurações do grupo 2+?; ao nível dos crescentes, a situação é contrária à do Moinho de Valadares estando presentes quase exclusivamente os secção circular. Além destes aspectos é de destacar a presença dos elementos “robustos” apresentados anteriormente (Quadro 9-1). Nesta estação foi também registada a ocorrência de dois cossoiros.

Na distribuição destes artefactos pelas áreas intervencionadas constata-se que os crescentes de secção circular ocorrem exclusivamente no Sector 3 ao contrário das placas e morfologias excepcionais que ocorrem apenas no Sector 1. Esta diferenciação espacial, correlacionada com os dados da análise das morfologias cerâmicas, pode ser interpretada como um indicador cronológico, surgindo as placas na fase mais antiga de ocupação (Sector 1) e os crescentes nos contextos residenciais da segunda fase (Sector 3).

Alguns autores (Silva e Soares, 1976-77) admitem a anterioridade das placas relativamente aos crescentes. Neste caso será possível reconhecer o Sector 1 como representando uma das primeiras áreas de ocupação. Todavia, acerca da questão cronológica que se levanta sobre estas duas categorias morfológicas é de referir que no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) (Valera e Filipe, 2004) se constata que no enchimento do Fosso 2 as placas apresentam uma situação estratigráfica que remete para um manuseamento

Espessura		Largura		Perfurações	
Designação	Intervalo	Designação	Intervalo		
A	6 a 10 mm	A	20 a 50 mm	A	1+1
		B	Indt.		
B	11 a 19 mm	A	27 a 39 mm	B	1+?
		B	40 a 52 mm		
		C	Indt.		
C	20 a 24 mm	A	30 a 40 mm	D	Intd.
		B	41 a 50 mm		
		C	50 a 57 mm		

Quadro 9-2

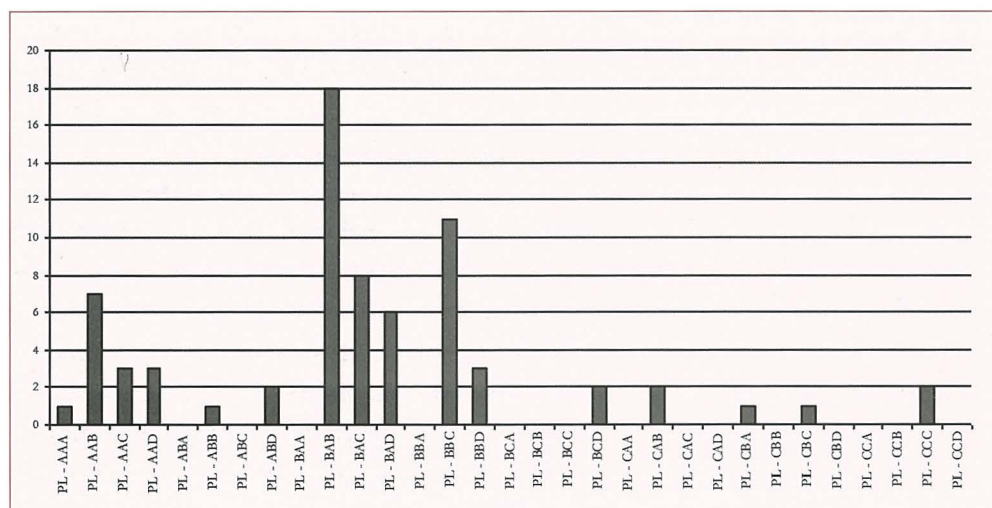


Gráfico 9-3

mais tardio relativamente aos crescentes. Desta forma, vincular a problemática da morfologia dos elementos tear em estudo a uma questão exclusivamente cronológica afigura-se redutor, uma vez que, independentemente de anterioridade de uns relativamente a outros, são elementos que coexistem no período em estudo e que podem remeter para outro tipo de problemáticas.

O Monte do Tosco e os Cerros Verdes apresentam uma ocorrência reduzida de pesos de tear quando comparados com as estações anteriores

(17 e 3 registos, respectivamente), tendo-se registado em ambas a ocorrência de placas e de crescentes de secção circular (embora no Monte do Tosco as placas sejam apenas 2). Todavia, não é possível admitir que a menor frequência destes artefactos seja sintomática de uma menor importância das tarefas que lhes estão associadas, sendo de considerar que a natureza das intervenções em cada estação e, simultaneamente, que a prática da tecelagem tem expressões materiais distintas, algumas não recuperáveis no registo arqueológico.

9.1.3. Técnicas de Tecelagem

9.1.3.1. Tipos de Teares

No âmbito dos teares atribuídos habitualmente às sociedades em estudo e nos quais se pode supor a utilização do conjunto artefactual em análise é de destacar os seguintes:

– Tear de Placas

O elemento fundamental deste tipo de tear é a placa. Este elemento tem, necessariamente, de ser feito de um material duro e possuir furos nas suas extremidades. O contorno, dimensão e número de perfurações pode variar; todavia, a espessura tem necessariamente de ser reduzida. Os elementos de uma série têm de ser relativamente homogêneos, por forma a evitar distorções durante a execução do tecido, e adequados ao seu manuseamento.

A placa é o elemento responsável pela dinâmica da urdidura, sendo que a sua rotação provoca a torção dos fios e conseqüentemente a alternância da posição da série de fios relati-

vamente à trama. Deste modo, ao girar os fios vão-se enrolando produzindo uma corda que, imobilizada pelo passo da trama entre cada giro, cria um tecido por justaposição de cordas paralelas. A rotação das placas pode ser de um quarto, meia ou um terço de volta consoante o número de perfurações (4, 2 ou três, respectivamente).

A instalação deste mecanismo pode variar; as extremidades dos fios podem estar atadas a um rolo preso à cinta do executor, a estacas cravadas no chão ou em conexão com um tear vertical (cujo funcionamento é apresentado mais adiante).

O resultado final é um tecido alongado (porque a técnica não permite o desenvolvimento em largura) e torcido, cuja resistência e decoração se define pelo número e tipo de placas, pela distribuição dos fios pelos orifícios e pelo tipo e coloração da matéria-prima utilizada. Estes tecidos alongados poderiam servir como aplicações no rebordo de tecidos maiores, como pressupõe a presença deste tipo de tear no tear vertical de pesos.

Sítios	Fases	Placas	Crescentes	Outros	Ind
Moinho de Valadares	Fase 1	7	17	0	0
	Fase 2	30	50	0	1
	Revolvidas	1	2	0	0
	Total 39	69	0	1	
Mercador	Sector 1	27	0	2	0
	Sector 2	0	34	0	0
	Total 27	34	2	0	
Monte do Tosco	Fase 1	2	10	0	0
	Revolvidas	0	5	0	0
	Total 2	15	0	0	
Cerros Verdes 3	Total 1	1	0	1	

Quadro 9-3 – Relação dos pesos por sítio e fase.

– Tear Vertical de pesos

O tear vertical de pesos pré-histórico assemelha-se ao actual. Com efeito, é constituído por duas traves verticais (fincadas no chão e separadas³ entre si) com um grampo na sua extremidade superior, que serve de suporte à trave horizontal onde estão atados os fios da urdidura cuja tensão é assegurada pelos pesos.

As séries e alternância dos fios da urdidura são asseguradas pelo liço, sendo que, este mecanismo pode suportar mais que duas séries de fios através da integração de mais liços e mais pesos de tear. À medida que o trabalho progride, o tecido já produzido pode ser enrolado na trave, onde estão atados os fios da urdidura permitindo um tecido de grandes dimensões independentemente da altura do tear.

– Tear de Grade

A célula de base neste mecanismo trata-se de uma série de placas finas perfuradas, colocadas paralelamente entre si e fixadas nas extremidades por outras placas que as unem e fixam. A sua instalação pode ser efectuada nos mesmos esquemas que o tear de placas à excepção da sua aplicação no tear vertical.

A peça acima descrita separa os fios da urdidura (uns passam pelos orifícios e outros pelo meio das placas) e a sua movimentação alternada em sentido ascendente e descendente permite lançar a trama pelas diferentes séries de fios. O resultado é um tecido liso de dimensões semelhantes às dos produzidos pelos teares de placas.

este tear comporta uma variante com liço, ou seja, uma série de fios é atada a um pau cujo

movimento assegura a alternância nas séries da urdidura. Esta variante apresenta mais vantagens, nomeadamente a possibilidade da sua ampliação longitudinal e consequente produção de tecidos largos.

Assim, no âmbito destes três mecanismos é de referir que os elementos de tear em estudo desenvolvem duas relações relativamente às séries da urdida; enquanto no primeiro caso a rotação das placas é o movimento responsável pela sua alternância, no tear vertical de pesos a sua função é apenas a de pressionar os fios, sendo que a sua alternância se faz através do liço. Considerando-se que no primeiro caso a eficácia deste mecanismo depende da estabilidade da série de placas, sendo que a selecção da série seja condicionada pelas semelhanças morfológicas dos seus elementos, a série de pesos do tear vertical pode assumir morfologias diversas desde que o seu peso e perfurações esteja adequado aos fios que pressionam.

Com efeito, a série de placas num tear de placas é mais condicionadora do resultado final que a série de pesos num tear vertical. Todavia, refira-se que “os tecelões, pelo menos aqueles que por todo o lado e em todos os tempos trabalharam para a elite social, são maravilhosamente pacientes e hábeis e os seus teares muitas vezes pouco têm a ver com os seus produtos” (Leroi Gourhan, 1984: 204-205). Considerando-se a destreza do “técnico”, qualquer hipótese que se coloque ao manuseamento de um artefacto em determinada tarefa decorre apenas de uma esfera de possibilidades que o investigador projecta no seu objecto de estudo.

³A distância entre estas traves define a largura do tecido.

9.1.3.2. Teares e grupos de artefactos: tentativa de articulação

Interpretando os artefactos em estudo enquanto instrumentos de um sistema técnico em que se procede à transformação de matérias primas em produtos têxteis, convém realçar algumas das relações que esses instrumentos estabelecem com os outros elementos desse sistema. Na Figura 5 estão representadas de uma forma simplificada algumas dessas relações.

A selecção de um instrumento decorre de um leque de solicitações muito vasto que, numa visão mecânica, é polarizado pelos recursos disponíveis e pelo produto que se pretende realizar, sendo que a estratégia adoptada decorre igualmente da destreza técnica em resolver as tensões criadas entre estes dois pólos. Desta forma, a adequabilidade e a aplicação de um artefacto a determinada tarefa é decorrente da virtualidade que o técnico lhe reconhece e que, em última análise, leva à sua integração nas estratégias de transformação dos recursos disponíveis nos produtos desejados.

Desta forma, procede-se à associação dos grupos morfológicos formulados às técnicas de tecelagem apresentadas anteriormente.

– Placas e paralelepípedicos

Dadas as características morfológicas das placas estudadas parece de todo pertinente associá-las ao tear de placas. Com efeito, a multiplicidade de variantes formais que as placas inerentes a esta técnica permitem não levanta qualquer óbice a esta interpretação. É de realçar que as lacas com duas perfurações (1 + 1) são mais abundantes, facto que pode ser sintomático de uma espécie de especialização na utilização desta variante técnica.

Ainda que esta interpretação seja válida, a variabilidade formal das placas pode ser

indício de várias utilizações destes artefactos. Com efeito, numa primeira análise, tanto o tear vertical de pesos como o tear de grade podem comportar artefactos com este tipo de contorno. Todavia, esta associação é discutível e condicionada a determinados grupos.

Com efeito, no âmbito do conjunto das placas menos espessas e menos largas pode supor-se a sua utilização no tear de grades. Porém, refira-se que apesar da bibliografia consultada apresentar apenas placas com uma perfuração central, a aplicação das placas estudadas a este mecanismo parece viável. Com efeito, a presença dos dois orifícios não altera o mecanismo, mas o resultado final é um tecido com uma trama diferente da produzida pelas placas com um único orifício.

Na utilização das placas no tear vertical de pesos, seria de considerar a preponderante utilização dos grupos de largura e espessura maiores, porque parecem os únicos a atingirem um peso suficiente para esticar os fios da urdidura. Mesmo assim, parecem ser mais adequados à execução de tecidos de fibras finas que exigiriam pouca pressão para serem esticadas. Quanto à utilização de exemplares com diferentes perfurações é de colocar a hipótese de poder estar conectada com a realização de tecidos com diferentes tramas, sendo que a utilização simultânea das perfurações de cada extremidade permite a criação automática de duas séries de fios.

No âmbito do tear vertical de pesos é de supor também a utilização do Achado N.º 664 do Povoado do Mercado estando a sua robustez associada a um maior número de fios (ou de fibras mais resistentes) que teria de pressionar. A este propósito, saliente-se uma vez mais que a série de pesos de um tear vertical pode apresentar uma grande variedade de morfologias, viabilizando uma utilização conjunta das várias categorias consideradas. Simultaneamente, é

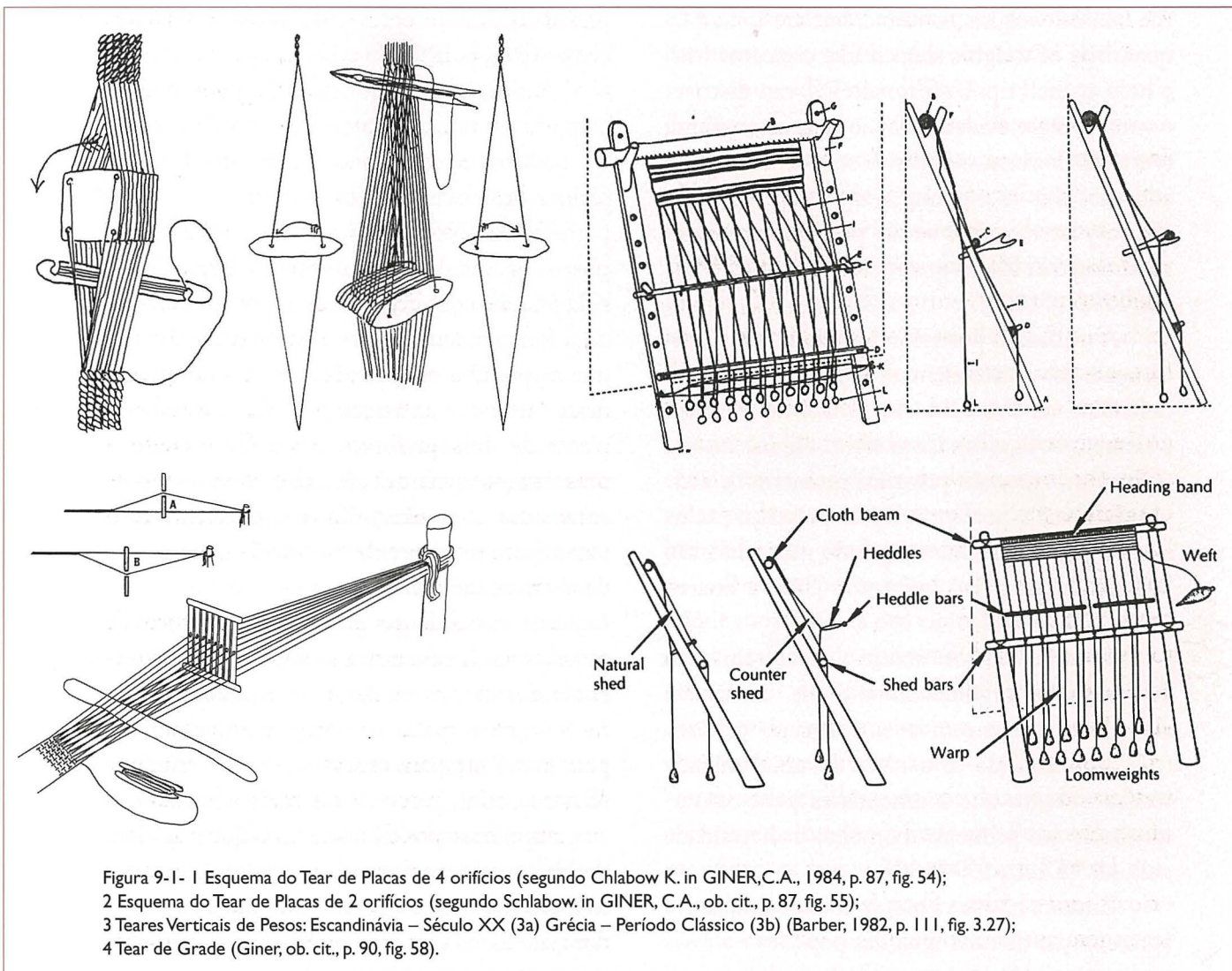


Figura 9-1- 1 Esquema do Tear de Placas de 4 orifícios (segundo Chlabow K. in GINER, C.A., 1984, p. 87, fig. 54);
 2 Esquema do Tear de Placas de 2 orifícios (segundo Schlabow. in GINER, C.A., ob. cit., p. 87, fig. 55);
 3 Tearres Verticais de Pesos: Escandinávia – Século XX (3a) Grécia – Período Clássico (3b) (Barber, 1982, p. 111, fig. 3.27);
 4 Tear de Grade (Giner, ob. cit., p. 90, fig. 58).

de considerar a utilização de objectos que, não tendo sido reconhecidos enquanto artefactos, servissem igualmente para pressionar os fios da urdidura (pedras, por exemplo), sendo que a sua inserção neste estudo alteraria substancialmente a imagem que se está a produzir da tecelagem.

Todavia, refira-se que a consideração deste aspecto, longe de remeter a pesquisa para o relativismo, apenas serve para reforçar o seu carácter de exercício acerca das possibilidades de aplicação técnica de artefactos nos quais se reconhece determinada tarefa.

– Crescentes

Os crescentes achatados ou de secção circular constituem os tipos morfológicos cuja conexão com as técnicas de tecelagem é mais difícil de perceber. A propósito da ocorrência de crescentes na Pré-História do Norte de Itália, E. Barber refere que “we begin to find heavy conical and cylindrical loom weights already in the Square-Mouthed Pottery Culture (...) roughly in the 5th millennium. Although this culture is replaced by the quite different Lazozza Culture (connected with Switzerland and Rhone Valley),

the conical weights continue, but are joined by quantities of weights shaped like crescents with a hole at each tip. Unfortunately I can discover no more exact evidence for looms, or anything tying the crescent weights to textiles. I can only add that this is a strong warp-weighted loom territory later, so that we are probably not far in assuming that loom's presence at this time" (Barber, 1992, p. 1000).

A utilização posterior dos crescentes relativamente aos outros elementos de tear é também defendida na Pré-História do Sul de Portugal (Alentejo e Algarve). Com efeito, alguns autores defendem, que num primeiro momento, a actividade têxtil é perceptível pela presença exclusiva de placas que, num segundo momento, são acompanhadas pelos crescentes (Silva e Soares, 1976-77).

Todavia, outros autores contestam esta interpretação argumentando "que as placas alentejanas pertencem a outro grupo cultural, (...), abandonando-se a ideia de uma unidade técnica mesmo que momentânea para constatar desde um primeiro momento a diversidade cultural." (Diniz, 1994:139).

Embora não se vá proceder a uma exaustiva apresentação de cada uma das posições e subsequente discussão, é de se considerar dois aspectos: por um lado, Tavares da Silva defende uma descontinuidade artefactual que comporta uma complexificação nas técnicas de tecelagem; Mariana Diniz apresenta uma ideia de "grupo cultural" baseada na coerência da variabilidade formal a uma ampla escala de análise.

Todavia, sem querer optar por uma ou outra posição, refira-se a situação verificada em La Pena del Aguila (Munogalindo, Avila – Meseta Norte) onde se registaram vários elementos relacionados com a actividade têxtil. Nesta estação, nos níveis mais antigos (de filiação neolítica), aparecem placas de duas perfurações que são acompanhadas

nos níveis mais recentes (calcolíticos) pelos crescentes (Rollán 1996, 36 e 137).

Assim, o material em estudo parece fazer parte de um universo artefactual com uma grande amplitude geográfica onde hipoteticamente seriam utilizadas inicialmente placas de duas perfurações (Neolítico?), seguindo-se um momento de variabilidade formal individualizável pela presença dos crescentes.

Independentemente do tipo de explicação que se perfilhe para a explicação da ocorrência destes artefactos, a associação entre crescentes e placas de duas perfurações permite considerar uma relação evolutiva de carácter morfológico entre estas duas categorias de artefactos. Comparando-se os crescentes achatados com índice de abertura reduzido com as placas de duas perfurações menos largas é de referir a sua grande semelhança, sendo que a distinção se opera exclusivamente em função do contorno. É a partir deste facto que se coloca agora uma hipótese para a utilização dos crescentes no âmbito das técnicas conhecidas para a Pré-História.

As placas podem estar associadas ao tear de placas, ao tear de grade e, eventualmente, ao tear vertical de pesos, ou seja, pressupõe-se já o domínio da criação automática de duas séries de fios através da utilização das duas perfurações e da criação da alternância dessas séries através do liço. Neste ambiente técnico é de referir que os crescentes apresentam uma morfologia que, dando continuidade às técnicas de tecer com placas de duas perfurações, é mais adequada à sua utilização num tear vertical de pesos.

Com efeito, uma vez colocados perpendicularmente à trave que segura a urdidura permitem uma maior aproximação entre os fios e, consequentemente, um tecido mais resistente. Esta disposição permite ainda a colocação de uma trave na horizontal junto a estes elementos que, não só assegura uma maior coesão do conjunto,

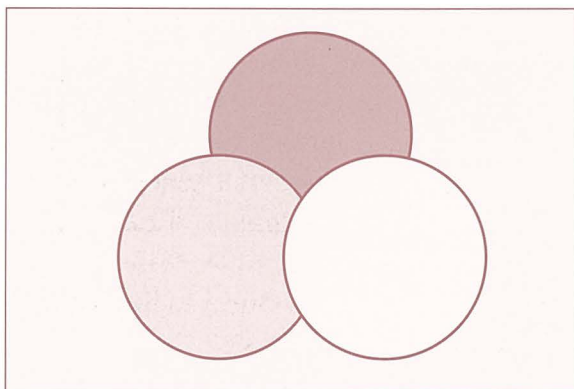


Figura 9-2

como também reforça a tensão provocada nos fios permitindo uma utilização de um maior leque de fibras. Neste sentido, é de realçar que esta trave não poderia ser colocada numa série constituída por placas porque inviabilizava a função do liço; pelo contrário, a curvatura dos crescentes permite que as peças subam e desçam sem interferir na alternância dos fios da urdidura.

este hipotético cenário não inviabiliza a utilização dos crescentes noutras técnicas de tecer. Com efeito, a similitude morfológica entre alguns crescentes achatados e placas de duas perfurações pode ser tomada como índice da sua utilização nas mesmas técnicas, ou seja, apesar das diferenças morfológicas, os artefactos em estudo remetem para uma forte associação entre si e, simultaneamente, para o mesmo leque de possibilidades de manuseamento técnico.

9.1.4. Considerações Finais

A amostra em estudo apresenta-se morfológicamente muito diversificada, sendo que a organização dessa diversidade fez-se com o objectivo da criação de grupos morfológicos a partir dos quais fosse possível reconhecer uma associação a distintas técnicas de tecer. Na

formulação dessas associações foi possível reconhecer que os mesmos artefactos poderiam ser manuseados nas diferentes técnicas consideradas consoante a natureza da matéria-prima utilizada, sendo esta a única conclusão possível.

Não existindo uma especialização na associação entre artefacto/técnica de tecer, a variabilidade morfológica pode decorrer de uma associação matéria-prima/utensílio/produto, isto é, numa esfera de possibilidades, o produto desejado seria o elemento polarizador de uma série de selecções que determinaria o manuseamento de um dado utensílio, deste modo, a coexistência das diferentes categorias morfológicas poderia ser interpretada apenas enquanto indicadora de produções distintas.

Outro aspecto relacionado com a variabilidade morfológica dos elementos de tear prende-se ao facto de apresentar uma forte coesão no âmbito peninsular. Efectivamente, a uma escala mais ampla existe um grupo artefactual, constituído maioritariamente por placas sub-rectangulares alongadas de duas perfurações e crescentes, situado no Sudoeste Peninsular com ramificações para a Meseta Norte. Dentro deste grupo artefactual pode supor-se uma evolução de carácter morfológico eventualmente associada a um aperfeiçoamento técnico que leva ao aparecimento dos crescentes. Ainda que esta hipótese não tenha uma expressão arqueológica significativa, faz sentido num raciocínio baseado na crescente complexidade das técnicas de tecer utilizadas durante a Pré-História.

Ainda que não se tenha procedido a um levantamento exaustivo das várias estações em que ocorrem elementos de tear, é de assinalar que, na bibliografia consultada apenas numa estação foi registada uma antiguidade das placas relativamente aos crescentes. Entre as estações em estudo é de referir que apenas no Sector 1 do Povoado do Mercador foi identificada esta rela-

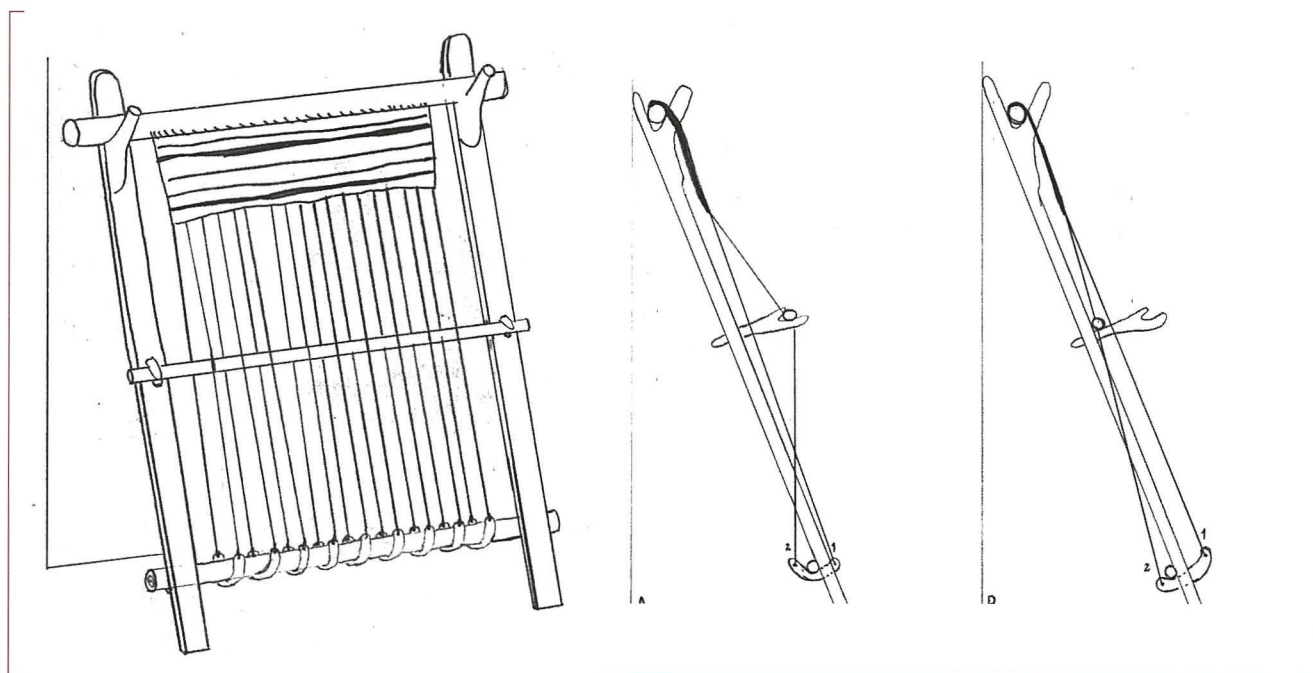


Figura 9-3 – Figura 6 Hipótese de utilização dos crescentes num tear vertical de pesos

ção; todavia, nos restantes sítios, a distribuição pelas Fases de Ocupação das diferentes áreas intervencionadas revelou o contrário.

Considerando-se a variabilidade morfológica e a multiplicidade de técnicas que estes artefactos comportam, a actividade têxtil assume uma pluralidade de situações que torna os dados da abordagem arqueológica numa múltipla e perplexa narrativa. Os elementos de tear permitem ousar hipóteses, seguir pistas, mas sem pretender o esgotamento da temática, a apropriação completa de uma actividade, e da forma como ela está articulada com a comunidade ou o cenário em que se insere.

O estudo da utilização destes artefactos revelou um carácter circunstancial; não existe uma oficina têxtil, um determinado espaço em que a manufactura se especialize. Ainda que determinados ambientes remetam para a existência de mecanismos, a ocorrência destes artefactos em várias áreas dos povoados remete para uma prá-

tica incipiente da tecelagem, mas disseminada e presente no quotidiano das comunidades.

9.2. Os pesos de rede

9.2.1. Apresentação do Conjunto Artefactual

Os “pesos de rede” são calhaus rolados talhados (entalhes laterais) em faces opostos sendo utilizados para exercer pressão sobre redes, fios ou armadilhas utilizados na pesca. Para a caracterização do conjunto artefactual adoptou-se a classificação proposta por D. Domingos Pinho de Brandão e Arq.º Fernando Lanhas (Brandão e Lanhas, 1971), ou seja, são considerados os seguintes aspectos:

1. o tamanho dos pesos;
2. a posição dos cortes e entalhes relativamente aos eixos longitudinal e transversal;

3. natureza dos entalhes e cortes e da técnica de execução.

No âmbito do tamanho, os autores definiram três séries em função do comprimento do eixo longitudinal: Pequeno (P) – inferior a 7 cm, Médio (M) entre 7 a 10 cm e Grande (G) maior de 10 cm. Quanto à posição dos cortes ou entalhes apenas foi identificado o Tipo I - nos

bordos opostos dos calhaus oblongos, segundo o eixo transversal” (Brandão e Lanhas, 1971: 585). Quanto à natureza, foram identificados os tipos A, B, C e D (de uma sequência que se prolonga até ao K) tendo-se criado os tipos L e M:

A - “Lascamento com negativos inclinados, atingindo, em cada bordo, as duas faces. Geralmente o primeiro golpe ou percussão, em

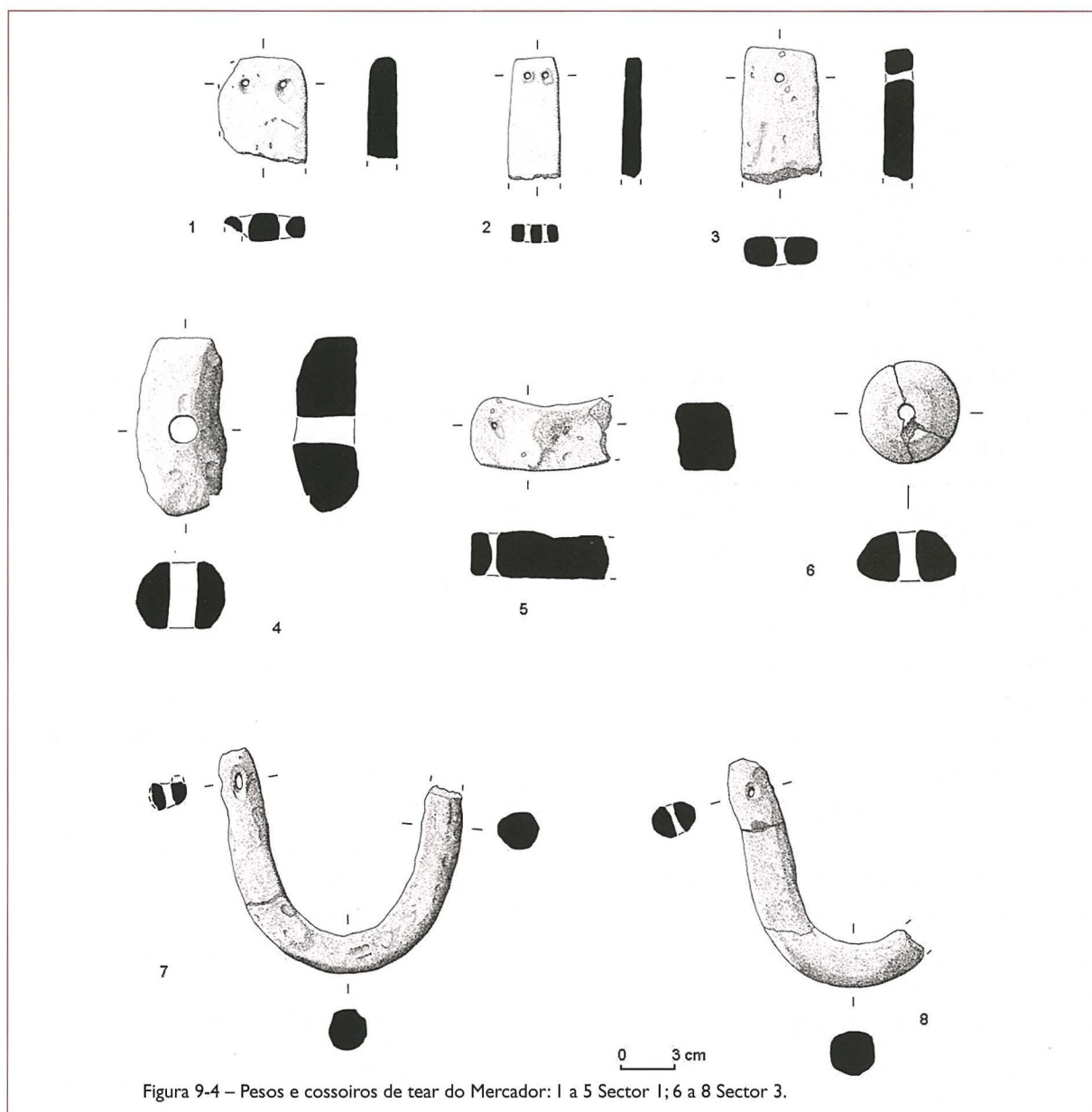


Figura 9-4 – Pesos e cossoiros de tear do Mercador: 1 a 5 Sector 1; 6 a 8 Sector 3.

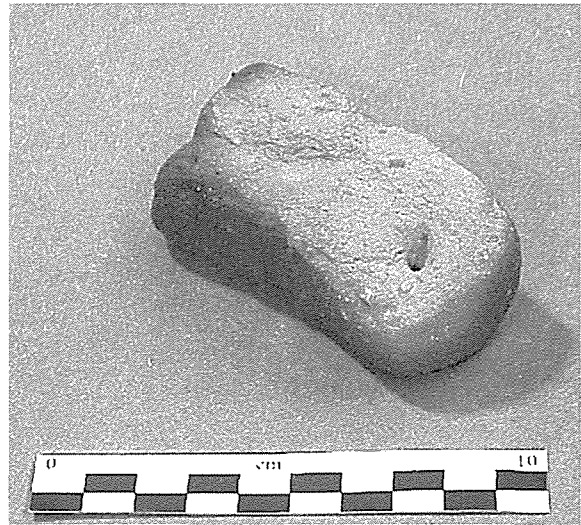
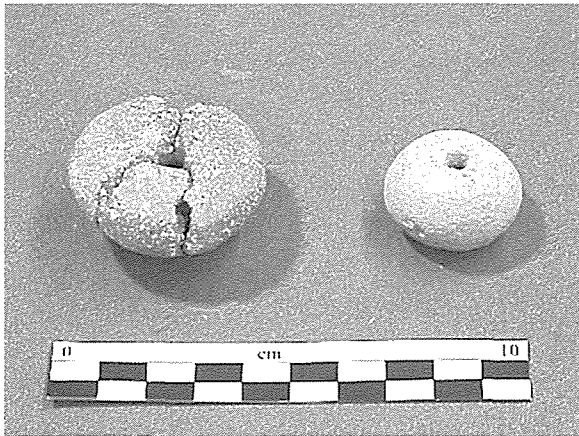


Figura 9-5 – Pesos e cossoiros do povoado do Mercado

cada bordo, é mais forte e o lascamento correspondente, mais profundo e extenso. Os golpes em sentido contrário, incidindo sobre as extremidades ou arestas das zonas já lascadas pelos golpes anteriores, são, frequentemente, mais leves e, por conseguinte, as falhas de pedra correspondentes são menos acentuadas. Pode haver golpes complementares, alguns praticamente retoques, para afundamentos ou maior extensão da linha ou curva dos entalhes, em ordem a uma melhor fixação dos fios envolventes.

B - Lascamento com negativos inclinados, atingindo, num dos bordos as duas faces, e, no bordo oposto, uma só face. Aos golpes princi-

pais podem juntar-se, neste como nos tipos seguintes, golpes secundários, complementares e retoques. (...)

C - Lascamento com negativos inclinados, atingindo, em cada bordo uma só face, no sentido oposto: bordos opostos e faces opostas. Por vezes, pequenos retoques leves, de sentido oposto numa ou em ambas as arestas.

D - Lascamento com negativos inclinados, atingindo em cada bordo uma só face, e, em ambos os bordos, a mesma face. Por vezes pequenos retoques, leves, de sentido oposto, numa ou em ambas as arestas.” (Brandão e Lanhãs, 1971: 586 e 587)

L - lascamento unifacial em apenas um dos bordos ;

M - lascamento bifacial em apenas um dos bordos.

O cruzamento das séries de tamanho e tipos de disposição e natureza do entalhe resultou na formulação de 15 grupos⁴. A representatividade de cada Tipo é a seguinte (Gráfico 1):

O conjunto caracteriza-se pela frequente ocorrência de elementos de pequeno e médio tamanho. A disposição dos entalhes é sempre a mesma e, quanto à sua natureza, é de referir que ocorrem apenas 6 dos 13 tipos considerados por Brandão e Lanhas. Os tipos de entalhe A e D são os mais comuns, sendo que a frequência do D aumenta significativamente na série de tamanho Pequeno. Quanto aos grupos mais frequentes destacam-se o MIA, o PIA e o PID, ou seja, seixos rolados com um eixo longitudinal inferiores a 10 cm e com entalhes em cada um dos lados.

A matéria-prima utilizada na execução destes artefactos são os seixos rolados de rio. Todavia, denota-se uma selecção caracterizada pela utilização maioritária de seixos de quartzito e de algumas placas de xisto. É de realçar a influência da matéria prima nos valores obtidos para o Peso e o Índice de Espessura; com efeito, os pesos executados sobre placas de xisto roladas são mais leves e com um índice de espessura maior.

9.2.2. Distribuição dos artefactos pelas estações em estudo

Esta categoria de artefactos registou-se apenas no Monte do Tosco (45 unidades) e no

Moinho de Valadares (11 unidades). Alguns surgiram dispersos à superfície, na área entre este último sítio e a Nova Aldeia da Luz. A composição da amostra proveniente do Monte do Tosco reproduz a composição do universo de artefactos em estudo. Com efeito, está patente uma profusa variabilidade tipológica (estão presentes 13 dos 15 tipos identificados), sendo que, se mantêm as relações existentes entre o índice de ocorrência das séries de tamanho, matéria-prima utilizada e tipos de entalhe.

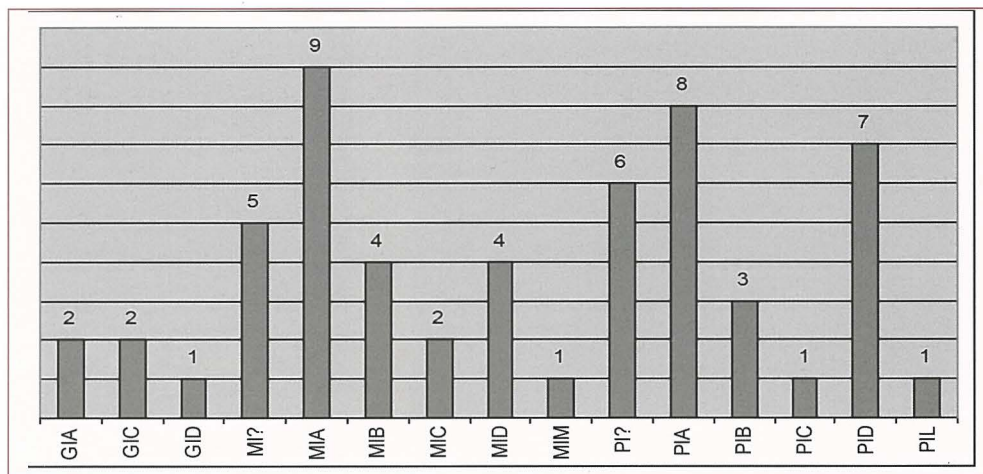
Nesta estação é de destacar a elevada ocorrência destes artefactos na UE 7 (Sector 1), numa área de apenas 4m². Com efeito, neste solo de ocupação do Ambiente 3 foram exumadas 15 unidades (predominando a dimensão Média e o entalhe A), sendo de destacar a sua associação a um elevado número de seixos rolados. As restantes unidades distribuem-se pelas diferentes áreas da estação.

No Moinho de Valadares quase todos os materiais são provenientes ou da Fase 2 ou de níveis mais superficiais revolvidos. Apenas um exemplar ocorre em depósitos da Fase 1. Constata-se, tal como no Monte do Tosco, uma maior ocorrência de exemplares de tamanho Médio e Pequeno. Todavia, no que diz respeito ao tipo de entalhe, é de referir uma maior presença dos Tipos C e D, a reduzida frequência do Tipo A e a ausência dos Tipos B, L e M. Quanto à matéria-prima utilizada, são utilizados exclusivamente seixos de quartzito. A distribuição destes artefactos não apresenta qualquer especificidade.

Apesar destes artefactos apresentarem uma presença significativa apenas no Monte do Tosco, é de considerar a importância que a pes-

⁴Os tipos encontram-se designados por três letras: a primeira diz respeito ao tamanho, a segunda à disposição dos entalhes e a terceira ao tipo de entalhes.

Gráfico 9-4



ca poderá ter assumido nestes povoados. Com efeito, “dada a escolha do local para a implantação do povoado, em estreita relação com o Guadiana, a exploração de recursos aquáticos fluviais quase se impunha às comunidades que se estabeleceram no Moinho de Valadares. Efectivamente, a presença de pouco mais de uma dezena de pesos de rede, elaborados sobre seixo, demonstra a utilização desses recursos imediatos do povoado. Dado o seu número aparentemente reduzido, poderíamos ser tentados a daí extrair conclusões sobre a intensa actividade. Contudo, o facto de a mesma decorrer no rio, junto do qual as “artes” poderiam ser guardadas, e recorrentes perdas que a sua utilização implicaria, aconselham cautela, devendo a pesca ser, provavelmente mais importante na economia destas populações, do que a simples dezena de pesos poderá fazer pensar.” (Valera, 1999a, p. 108). Os dados do povoado do Mercador, onde curiosamente não ocorrem estas peças, confirmam a exploração de recursos aquáticos locais (uma espinha de peixe na Fossa 1 e a presença de fauna malacológica – Cf. ponto 17).

Com efeito, a importância da pesca não pode ser inferida como a de algumas actividades que decorrem em espaços dentro do povoado, sendo a frequência com que os artefactos que a

materializam utilizada como um elemento que define a sua importância na economia doméstica. No caso da exploração de recursos aquáticos, e tendo em conta o ambiente em que se processam, a avaliação da sua importância deve ter mais em consideração a existência de recursos naturais que a permitam do que a sua expressão em artefactos.

A propósito da diferente ocorrência dos artefactos nos dois povoados referidos, é de assinalar que, no Monte do Tosco, ignorando-se o Ambiente 3 (nomeadamente a UE 7), não só diminui significativamente o número de peças da amostra como a distribuição do material assemelha-se à do Moinho de Valadares. Com efeito, as diferenças entre os dois povoados acentuam-se devido ao facto de ter sido escavada uma área no Monte do Tosco onde os artefactos que materializam a pesca se encontram em destaque.

Todavia, é de referir que a sua presença no Ambiente 3 pode remeter para a outro tipo de tarefas. Partindo da opinião de alguns autores que defendem diferentes utilizações destes artefactos consoante o contexto em que se inserem (Brandão e Lanhas, 1971: 582), estes artefactos podem estar dentro do povoado para a sua utilização como pesos de tear, pedras de arremesso para a caça, para ataque... Relativamente à sua

utilização como pesos de tear, é de referir a sua associação espacial a crescentes e placas na UE 7; caso seja essa a sua utilização neste povoado, refira-se que existem mais elementos de tear nos outros povoados que neste. Esta inversão de frequências no tipo de artefactos estaria relacionada com uma preferência da comunidade do Monte do Tosco por pesos de pedra. É de assinalar que este cenário contribuiria para tornar ainda mais complexa a variabilidade formal presente nos elementos de tear.

Todavia, tendo em conta a disponibilidade dos recursos aquáticos é de fazer prevalecer a interpretação destes artefactos como pesos de rede e tentar levantar outra hipótese relativamente às actividades que se processavam no Ambiente 3. Equacionando as restantes actividades presentes em função da pesca, a concentração de seixos e a presença da tecelagem podem indiciar uma configuração de actividades em que o objectivo final seria a criação de uma rede de pesca. A este propósito refira-se a adequação da cestaria de saltos, que pode ser incluída no universo da tecelagem e na execução de redes de pesca.

Assim, o elevado número de pesos de rede nesta área do povoado pode estar associada a um ambiente doméstico onde se procederia ao talhe de seixos rolados com o objectivo de produzir pesos que seriam utilizados, não só para auxiliar na

execução da rede, como também, posteriormente, seriam partes integrantes do resultado final.

No que diz respeito à tipologia dos artefactos, denota-se uma ligeira variação no tipo de entalhe praticado nos dois povoados apresentados. Todavia, tendo em conta a série de tamanhos, denota-se uma total coincidência na selecção dos tamanhos pequenos e médios. Esta semelhança deve ser mais enfatizada que a diferença no tipo de entalhes, devido à função que estas peças desempenham. Com efeito, independentemente do tipo de técnica em que estejam a ser utilizadas, a sua função é sempre de afundar, sendo, desta forma, mais importantes as suas dimensões que o tipo de entalhe.

Tendo em conta este último aspecto, ainda que os 15 grupos considerados remetam para uma profusa variabilidade, deve-se ter em consideração que ela acarreta uma homogeneização tecnológica considerável. Com efeito, a elevada frequência de pesos de dimensão Pequena e Média pode ser sintomática de uma partilha de técnicas e de condições naturais definidas pelo nicho ecológico em que se encontram os diferentes povoados, estando as diferenças de entalhe associadas a uma esfera cultural em que a individualização da comunidade se processa a vários níveis.

9.2.3. Contexto técnico de utilização

Os pesos de rede comportam um sistema de relações inerentes a uma actividade cuja longa prática obriga a considerar uma grande variabilidade de cenários onde ocorre. Com efeito, os pesos de rede inserem-se num universo tecnológico caracterizado pela variabilidade de técnicas de exploração dos recursos aquáticos. Tendo como ponto de partida a pesca artesanal, tenta-se caracterizar sumariamente as hipotéticas estratégias utilizadas pelas comunidades desta área do Guadiana.

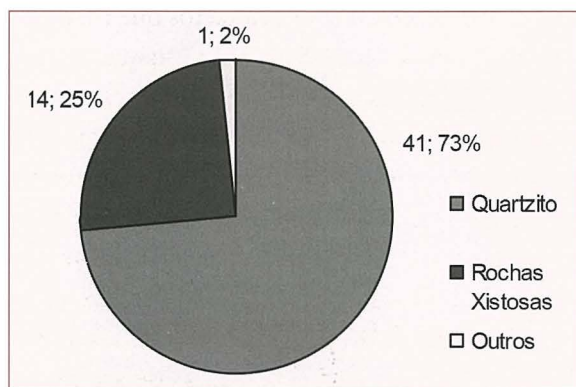


Gráfico 9-5

Os pesos de rede em estudo são interpretados como parte integrante das redes de pesca ("sinkers" na Figura 1), permitindo a sua verticalização através da tensão que exercem em conjunto com a acção de placas de madeira que permitem que a parte superior flutue. Este tipo de pesca exige a existência de barcos a partir dos quais as redes são lançadas, sendo que consoante o seu tamanho e o número de barcos disponível pode ser praticada de várias formas: rede esticada, ficando os peixes presos nos buracos da rede; o cerco, lançamento de uma grande rede com o recurso a vários barcos; arrastão, após o lançamento da rede é arrastada.

Os pesos poderiam também ser aplicados em canas de pesca, com o objectivo de afundar a linha a uma profundidade onde haja mais peixe. A sua utilização também poderia passar pela sua inserção em armadilhas (engenhos feitos de vime que tinham como principal finalidade prender o peixe dentro de si) desempenhando também a função de as afundar.

Em associação com estas artes encontra-se a caniçada, isto é, a construção de uma estrutura semelhante a uma barragem com o objectivo de condicionar a circulação do peixe aumentando a eficácia das estratégias anteriores. Considerando-se a existência desta estratégia para o período em estudo é de salientar que a abordagem da pesca não pode ser realizada apenas com base no material exumado nas estações arqueológicas intervencionadas.

Com efeito, inserida num conjunto de actividades relacionadas com a negociação e exploração dos recursos do meio aquático, a sua dinâmica processa-se numa escala que ultrapassa as fronteiras do povoado, remetendo para as estratégias de povoamento de grupos de comunidades que têm de partilhar o mesmo nicho ecológico. Desta forma, o estudo efectuado não é mais do que uma pequena parcela de um universo amplo e cuja abordagem passa obrigatoriamente pela consideração de múltiplas variáveis que estão fora do âmbito deste estudo.

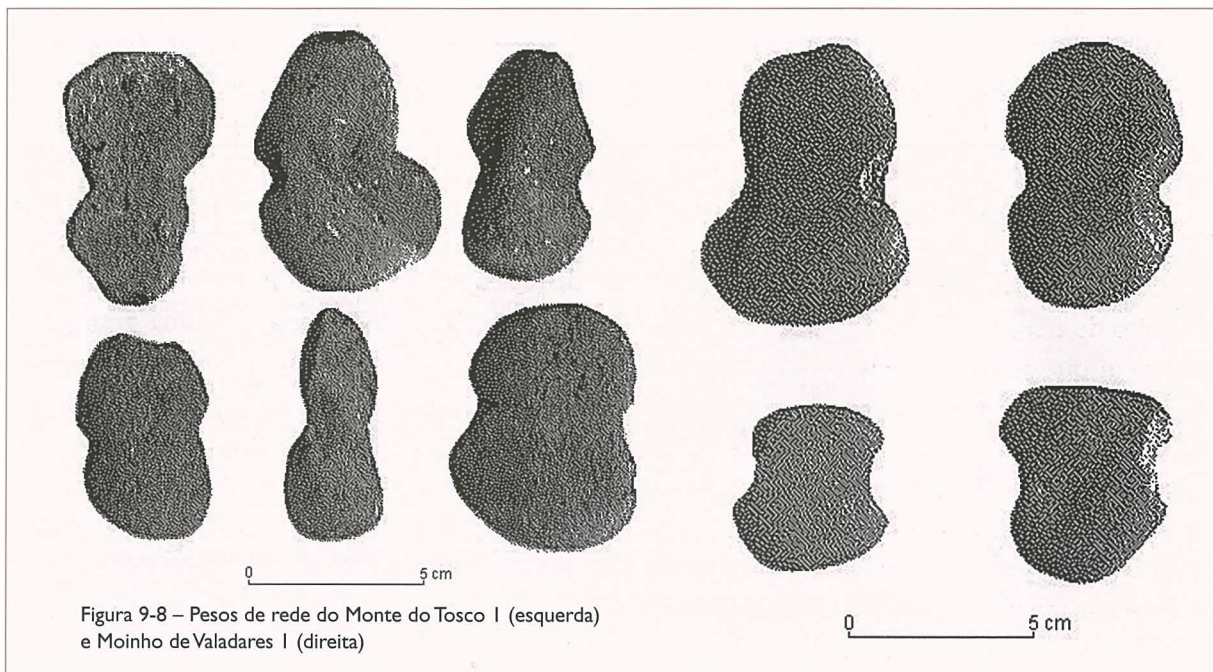


Figura 9-8 – Pesos de rede do Monte do Tosco I (esquerda) e Moinho de Valadares I (direita)